

Elena Malíssova
Katerina Silvánova

UM VERÃO *de lenço* VERMELHO



SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Classismo

Comportamento
autodestrutivo

Discriminação

Holocausto (referências)

Homofobia

Opressão e repressão

Regime autoritário

Sexismo

NOTA SOBRE O CONTEÚDO

Esta é uma história de ficção que se passa a partir da década de 1980 na União Soviética, portanto os pensamentos e os diálogos dos personagens refletem ideias e normas sociais da época, e devem ser lidos nesse contexto.



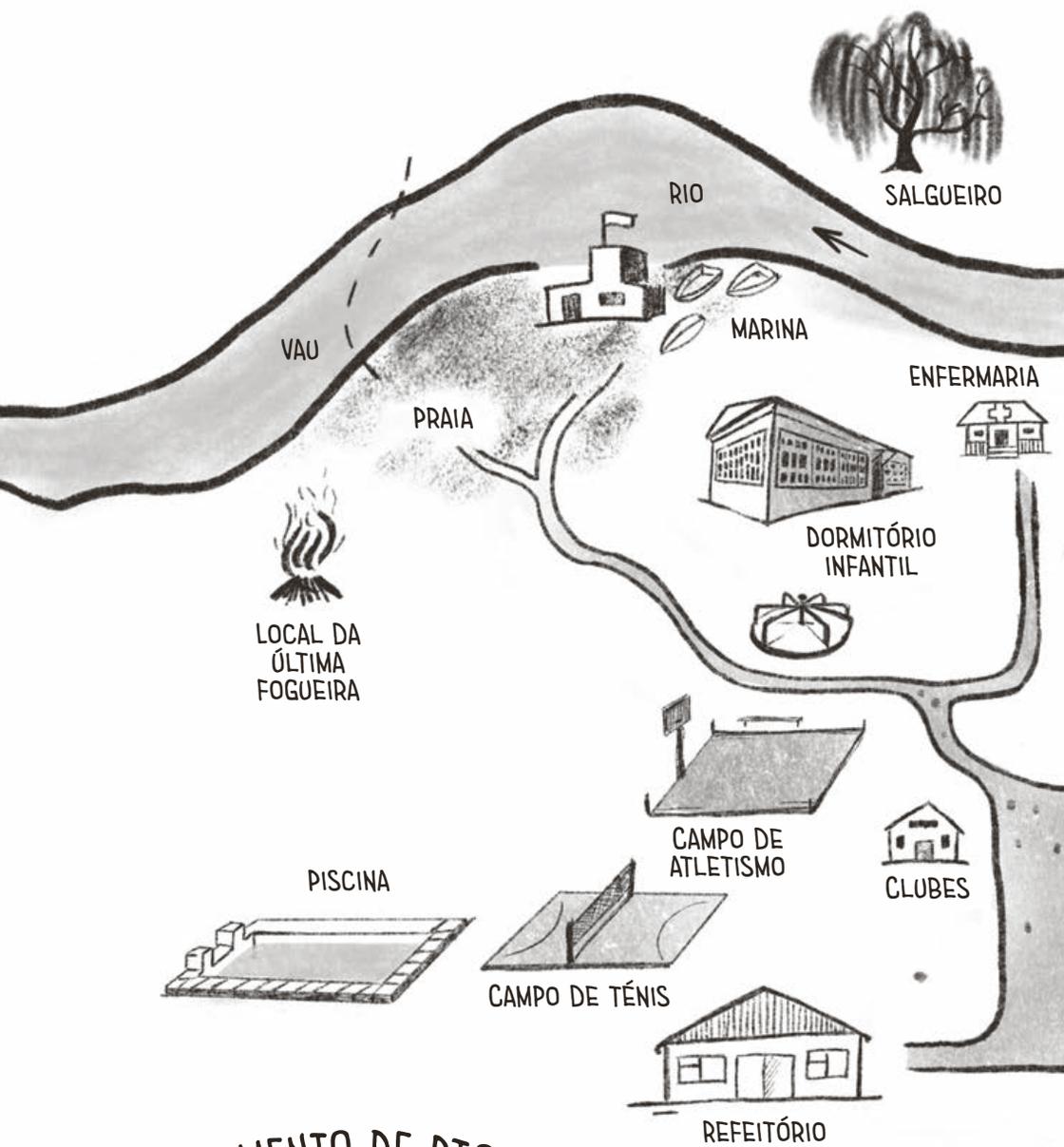
NOTA DO TRADUTOR

Os nomes russos têm uma estrutura muito característica, sempre em três partes: o nome, o patronímico e o apelido. O patronímico é criado a partir do nome do pai da pessoa e há sempre uma forma feminina e uma masculina. O apelido usado é sempre o do pai, e também possui uma forma feminina e uma masculina. O nome do protagonista desta história, por exemplo, é Iúri Ilitch Kóniev, ou seja, Iúri, filho de Iliá, da família Kóniev. Tal como os brasileiros, os russos adoram alcunhas e têm diversas formas de se chamarem uns aos outros. No caso de Iúri, as suas alcunhas são: Iura, Iurka, Iúrtchik, Iúrotchka, Iuriéts e Iur. Cada uma destas formas tem uma nuance que pode expressar maior ou menor intimidade — ou até uma certa ironia, por vezes. Já o modo formal de se tratar alguém, em russo, consiste em usar o seu nome e o patronímico. É o caso da coordenadora do acampamento, sempre tratada por Olga Leonídvna (ou seja, filha de Leonid).

Parece difícil no início, mas depressa nos habituamos.

Boa leitura!





ACAMPAMENTO DE PIONEIROS
Andorinha
1986
DE ZINA PORTNOVA



MIRADOURO DOS
APAIXONADOS

RUÍNAS



ENSEADA

LILÁS



SALA DE
CINEMA



DORMITÓRIO DOS
ADOLESCENTES

CASINHA
DA LUZ



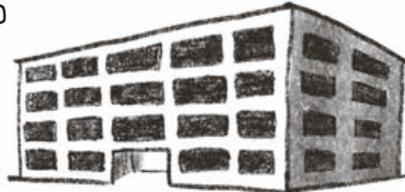
CONCHA
ACÚSTICA

PISTA DE
DANÇA

PRAÇA



ADMINISTRAÇÃO



DORMITÓRIO
EM CONSTRUÇÃO

ALAMEDA



PORTÕES

O Acampamento Andorinha

TEMPORADA DE 1986

TROPA UM (15-16 ANOS)

IÚRI ILITCH KÓNIEV (IURA, IURKA, IÚRTCHIK, IÚROTCHKA, IUR):

tem 16 anos. É desordeiro e rebelde, torna-se assistente de Volódia no clube de teatro e interpreta o agente Krauser.

MIKHAIL PRÔNIN (MIKHA): amigo de Iura e Vanka.

IVAN (VANKA): amigo de Iura e Mikha, pertence ao clube de teatro, interpretando o agente Müller.

MARIA SÍDOROVA (MACHA, MACHKA, MACH): não vai com a cara de Iura, nem com a das raparigas do PUM. Toca piano na peça de teatro.

POLINA GNIÓZDOVA (PÓLIA, POL): parte do trio de amigas apelidado por Iura de PUM. É a narradora da peça.

ULIANA KLUBKOVA (ÚLIA, ULKA, UL): parte do trio de amigas apelidado por Iura de PUM. Interpreta o papel de Fruza Zénkova.

MARINA ZMÉIEVSKAIA (MARÚSSIA, MÚSSIA, MARINUCHKA):

parte do trio de amigas apelidado por Iura de PUM.

É a figurinista da peça.

PACHA: integra o clube de teatro e interpreta Nikolai Alekséiev.

ANNA (ANIÚTA, ÁNIA, ÁNIETCHKA): amiga de Iura e Macha.

Não vai para o acampamento em 1986.

VICHNIÉVSKI: arqui-inimigo de Iura.

Não vai para o acampamento em 1986.





TROPA DOIS (13-15 ANOS)

DMÍTRI BARÁNOV (MITKA, MÍTIA, MIT): radialista do acampamento, toca viola e canta bem.

VASSÍLI PETLÍTSYN (VÁSSIA, VASKA, VASSIUGAN): integra o clube de teatro, interpretando o papel de Jênia Ezavítov.

ANASTASSIA MILKOVA (NÁSTIA, NASTIONA): integra o clube de teatro e interpreta a personagem principal, Zina Portnova.

EKATERINA (KÁTIA) KUZNETSOVA: integra o clube de teatro, interpretando Maria Lúzguina.

TROPA TRÊS (11-13 ANOS)

ALEKSEI MATVÉIEV (ALIOCHA, ALIOCHKA, ALIOCH): rapaz ruivo de sardas.

TROPA CINCO (7-9 ANOS)

OLEG ROMÁNOVITCH RYLÉIEV (OLIÉJKA, OLIÉJ): miúdo que troca o R pelo L quando fala. Pertence ao clube de teatro e interpreta Iliá Ezavítov.

ALEKSANDR CHÁMOV (SACHA, SACHKA, SÂNIA): miúdo desastrado e dramático.

PIOTR PTCHÉLKIN (PIÉTIA): miúdo muito desordeiro.

IÚLIA FUGITÍVNA: menina que tenta fugir do acampamento.

ALIONA IVANOVA: integra o clube de teatro e interpreta Gália Portnova.

EQUIPA DO ACAMPAMENTO

VLADÍMIR LVÓVITCH DAVÝDOV (VOLÓDIA, VOVA, VÓVTCHIK, VOLOD):

tem 18 anos, é monitor da Tropa Cinco. Responsável pelo clube de teatro e diretor da peça de teatro *Quando não se teme a morte*.

IRINA PETRÓVNA ORLOVA (IRA, IR): monitora da Tropa Um e responsabiliza-se por Iura.

ELENA (LENA): monitora-assistente da Tropa Cinco.

OLGA LEONÍDOVNA: coordenadora do acampamento.

PAVEL ALEKSÁNDROVITCH (PAL SÁNYCH): diretor do acampamento.

ALEKSANDR ALEKSÁNDROVITCH (SÁNYTCH): encarregado do acampamento.

LARISSA SERGUÊIEVNA: enfermeira do acampamento.

EVGUÊNI (JÊNIA) E SEMION: professores de educação física.

SVETLANA VÍKTOROVNA E ZINAÍDA VASSÍLEVNA: cozinheiras do acampamento.

MICHA LUKOVENKO: orientador do clube das artes.

SLAVKA: chefe dos monitores.



Quando não se teme a morte

UMA PEÇA DE NIKOLÁIEV & SCHERBÁKOV

Direção: Vladímir Davýdov

Assistência: Iúri Kóniev & Dmítri Baránov

Música: Maria Sídorova & Iúri Kóniev

Figurinos: Marina Zméievskaja

Cenografia: Clube das Artes

ELENCO

Narração — Polina Gniózdova

Zina Portnova — Anastassia Milkova

Gália Portnova — Aliona Ivanova

Fruza Zénkova — Uliana Klubkova

Iliá Ezavitov — Oleg Ryléiev

Jênia Ezavitov — Vassíli Petlítsyn

Maria Lúzguina — Ekaterina Kuznetsova

Agente Krauser — Iúri Kóniev

Agente alemão — Aleksandr Chámov

Acampamento de pioneiros Andorinha de Zina Portnova

30 de junho de 1986

DE VOLTA AO ACAMPAMENTO ANDORINHA

Sim, ele tinha uma pá no porta-bagagens. E porque não? Ter uma pá ali era completamente normal na Rússia. E se fosse inverno, tendo nevado bastante? Está bem que ainda era setembro, mas pouco importava: a pá também haveria de ser útil se o carro ficasse atolado na lama. Será que as galochas e o limpa-vidros também deixariam os agentes de trânsito surpresos?

Iura observava-os com interesse, sem perceber se estavam a gozar com ele ou não. Eram pessoas dali, caramba, como assim não entendiam?

Depois de ouvirem as suas explicações, os agentes — dois tontos — assentiram, mas não lhe deram passagem. Quando viram a licença de motorista de Iura, acharam que ele fosse estrangeiro e, desse modo, queriam ganhar uma «lembrancinha» — ou seja, um dinheirinho de fora. Quer dizer, para quê arranjar uma dor de cabeça desnecessária, quando a infração

era tão evidente? Havia uma placa? Havia. Ia em excesso de velocidade? Ia. Era então uma infração? Era. Mas como não haveria de ser? Iuri subia um monte íngreme, e a placa estava lá em baixo, escondida pelo ramo frondoso de um álamo. Simplesmente, não tinha visto!

Iura sorriu.

— Em vez de ficar lá em baixo com o radar, deviam era podar aquele ramo. Afinal, não existe um limite de velocidade sem uma razão; esta via é perigosa.

Os guardas — sujeitos que, visivelmente, não ligavam muito à segurança no trânsito — responderam, de forma não muito educada, que não lhes cabia podar os ramos, e que muito menos cabia a Iura dizer-lhes o que tinham ou não de fazer.

— Bem, uma multa é uma multa. — Suspirou o tonto mais alto, depois de girar a licença de motorista nas mãos. — Mas é possível resolver esta questão de uma forma mais simples... Para quê arranjar uma dor de cabeça desnecessária?

Por dentro, Iura travava uma batalha entre os princípios europeus — afinal, tinha passado metade da sua vida na Alemanha — e o senso comum. Lutar pela justiça, exigindo que podassem o ramo e lhe retirassem a multa, ou pagar o suborno e economizar tempo? A batalha durou muito, e o senso comum venceu. Iura não via razão para ter esta dor de cabeça.

— Quanto é?

Os homens entreolharam-se e, depois, semicerraram os olhos como dois espertalhões.

— Quinhentos!

Assim que Iura sacou da carteira, os destemidos agentes tornaram-se uns amores e até sorriram. Demonstraram um amável interesse em saber para onde ia e, prontamente, quiseram indicar o caminho para que o «*Herr* estrangeiro» não se perdesse naquele fim de mundo.

— Como chego à zona rural de Goretovka? Aparece aqui no mapa, mas o caminho até lá não está indicado. E eu lembro-me que havia um.

— Goretovka? — repetiu o mais alto. — Há muito que deixou de ser uma zona rural, agora é uma área residencial.

— Que seja, mas como lá chego?

— Até dá para lá chegar, só não dá é para passar. É um condomínio fechado, não pode lá entrar assim.

Iura ficou pensativo. Até ter conversado com os agentes, tinha um plano bem delineado: chegar a Goretovka e, depois, descer até ao rio, atravessando os campos do colcoz¹. Mas agora não tinha como entrar na zona rural... Será que devia arriscar, ainda assim? Podia tentar fazer um acordo com alguém da segurança do condomínio. Iura abanou a cabeça — não, só estaria a perder demasiado tempo, caso não resultasse. Restava-lhe apenas uma opção: atravessar o acampamento.

— Está bem. Então, como chego ao Andorinha?

— Aonde?

— Ao Andorinha, o acampamento de pioneiros Zina Portnova. Na época da União Soviética ficava algures não muito longe daqui.

O tonto mais baixo pareceu, de repente, ter acordado.

— Aaah, o acampamento. Sim, havia, sim...

O tonto mais alto voltou-se meio de lado, desconfiado.

— E o que quer ir lá fazer?

— Eu nasci na União Soviética, ia sempre para esse acampamento, passei a minha infância lá. *Das Heimweh, Nostalgie...* — e corrigiu-se: — Nostalgia!

— Ah, sim, nós entendemos, entendemos bem. — Os agentes entreolharam-se. — Tem aí o mapa?

¹ Cooperativa de produção agrícola, na ex-União Soviética, que detinha as terras que ocupava bem como a propriedade dos meios de produção, devendo entregar ao Estado uma parte da produção. [N.E.]

Iura entregou-lho e seguiu atentamente o caminho que um dos agentes indicou com o dedo.

— Pode apanhar a R-295 até à placa da vila de Riétchnoe, siga uns 20 metros e vai encontrar uma entrada à direita, vire e vá até ao final da rua.

— Obrigado.

Iura aceitou o mapa de volta e, depois de lhes dar mais 100 contos «para um cafezinho», pôs-se a caminho.

— Sabia que me iriam mandar parar pelo menos uma vez! — praguejou, e pisou a fundo no acelerador.

Iura jamais teria reconhecido aquele sítio orientando-se apenas pelo mapa. Há 20 anos, bosques densos e escuros revezavam-se com campos de girassol ao longo da estrada; agora, a passos lentos, porém largos, a cidade aproximava-se cada vez mais. Tinham derrubado as florestas, nivelado o terreno, delineado alguns lotes com cercas. Atrás destas, conseguia ver guindastes, tratores e escavadeiras, ouvia o ruído das construções. Recordava-se de que o horizonte era limpo até onde a vista alcançava, porém, agora, parecia cinzento, apertado e coberto de entulho de uma ponta à outra, ou a abarrotar de condomínios e datchas, as casas de campo onde as pessoas costumavam passar os dias de verão.

Perto da placa de Riétchnoe, ele virou, tal como lhe tinham indicado. A estrada alcatroada terminou bruscamente, como se a tivessem cortado; o carro trepidou. A pá no porta-bagagens fez um barulhão, marcando presença como se estivesse viva.

Definitivamente, ele não se lembrava de como chegar ao acampamento. Tinha estado no Andorinha pela última vez há 20 anos — e, na verdade, nunca tinha ido sozinho, tinha sido sempre alguém a levá-lo. Como era divertido andar por entre aquelas filas de autocarros de longo percurso idênticos, brancos e com uma risca vermelha, com bandeirinhas e um letreiro que dizia «CRIANÇAS» —, ainda para mais se fosse num dos lugares da frente, mesmo



atrás do carro do agente de trânsito, de modo que tudo, tanto a estrada quanto o céu, parecesse estar na palma da sua mão. Ouvir o uivo das sirenes, cantar em coro canções infantis ou ficar aborrecido, a olhar pela janela, porque já estava demasiado crescido para aqueles refrões tontos. Iura lembrava-se de que, na sua última viagem, não tinha cantado, mas ouviu: «Os faróis vão a brilhar e nós vamos a cantar, ao acampamento já estamos a chegar...». E, agora, passados 20 anos, ouvia apenas o ruído da pá acrobata no porta-bagagens. Praguejava entre dentes devido ao carro e aos buracos, rezando para não acabar atolado nalgum lado, e olhava não para um céu azul, mas para nuvens cinzentas.

— Só me faltava chover!

O plano fora elaborado cuidadosamente. Sabia que teria de atravessar a zona rural, por isso saía ainda de dia, mas, para conseguir entrar no acampamento, teria de esperar até ser noite. De resto, estava tudo decidido: era setembro, a última tropa já teria ido embora e não haveria crianças. O acampamento não era uma área militar, logo, só devia andar por lá um vigia, o que significava que Iura poderia facilmente esgueirar-se pela escuridão — a noite na floresta é um completo breu. E se, mesmo assim, fosse notado, daria para resolver. Claro, o velho vigia, ao início, ia assustar-se com um tipo a vagarear pelos arbustos, mas depressa veria que Iura, apesar de ter uma pá a tiracolo, era uma pessoa apresentável, não um bêbedo ou um vagabundo, e depois ambos chegariam a um acordo.

Os pioneiros... Lenços vermelhos, ginástica, formações em fila, banhos de rio e fogueiras — tinha sido há tanto tempo. Na época da União Soviética, os pioneiros eram um género de escoteiros. Aprendiam os valores comunistas e da vida em comunidade, e participavam em atividades cívicas, jogos, brincadeiras e acampamentos. Toda a gente sabia dizer se uma criança era pioneira pelo lenço vermelho que trazia ao pescoço, o seu bem mais precioso. No entanto, tudo devia ter mudado: agora, aquele território era

a Ucrânia, outro país, com outros hinos, outros slogans e outras cantigas. As crianças já não usavam lenços nem distintivos, mas crianças são crianças em todo o lado, por isso o acampamento também seria o acampamento. Muito em breve, Iura estaria lá de novo, lembrar-se-ia do tempo mais importante da sua vida, lembrar-se-ia da pessoa mais importante da sua vida. Talvez até descobrisse o que lhe teria acontecido. O que significava que, talvez, pudesse, por fim, reencontrá-lo, o seu único e melhor amigo.

No entanto, conteve-se perto da familiar placa de entrada — apagada, torta e com as letras quase ilegíveis — e deparou-se com o que mais temia. Da cerca metálica que antes se estendia por todo o perímetro, sobravam apenas os postes de ferro; nem sequer as hastes, nem os gradeamentos tinham sobrevivido. Os bonitos portões vermelhos e amarelos, quase majestosos, estavam partidos: uma das portas mal se aguentava nas dobradiças enferrujadas e tortas, a outra jazia ali ao lado, coberta pela relva que crescia, pareceu-lhe, há mais de um ano. A vigia, outrora toda enfeitada por losangos verde-água, estava de um tom escuro, a tinta há muito que descascara, as paredes de madeira da casinha tinham apodrecido devido às chuvas, e o telhado, desabado.

Iura soltou um profundo suspiro: sim, a ruína chegara até ali. Ignorara aquela suspeita, escondendo-a mesmo no fundo da sua consciência — afinal, não vivia numa caverna na Alemanha e sabia muito bem o que acontecera na Ucrânia depois da dissolução da União Soviética, sabia que tinham encerrado as fábricas. O acampamento era acoplado justamente a uma dessas fábricas. Mas Iura não queria pensar que o mesmo destino tivesse alcançado o Andorinha. Aquele era o sítio mais luminoso da sua infância, um ponto ensolarado na sua memória. Fora exatamente ali que deixara para trás, há 20 anos, mais de metade de si... e agora sentia-se como se essa recordação estivesse a desbotar-se, tal qual a tinta da vigia, a desfazer-se na relva alta.

O entusiasmo da viagem não dera em nada. Sentiu a saudade e a tristeza — o seu humor combinava com o tempo nublado, com os chuviscos que começavam a cair do céu.

Tornando ao carro, Iura calçou as galochas, tirou a pá do porta-bagagens e pousou-a no ombro. Atravessando por entre as folhas secas aquilo que um dia fora o batente dos portões, adentrou as profundezas do Andorinha, o acampamento de pioneiros Zina Portnova, a pioneira-heroína.



O PASSO QUE DERA PARA A FRENTE FOI TAMBÉM UM PASSO PARA TRÁS: de volta a um passado meio esquecido, a um tempo feliz, quando ele estava apaixonado. Debaixo dos seus pés, entreviam-se mosaicos rachados; à sua volta, a floresta sussurrava, inquieta com a chuva, mas, na sua memória, irrompiam raios de sol que inundavam a velha alameda do acampamento, cada vez mais rápido, levando-o de volta ao último verão da sua infância.

Parou não muito longe da encruzilhada. À esquerda, ficava o caminho para o refeitório, à direita, o atalho ia dar ao edifício em construção, e, mesmo no centro do acampamento, certa vez, estivera a longa alameda dos pioneiros-heróis. Ali em volta, amontoavam-se ladrilhos partidos, porém, perto do canteiro de flores, no centro da encruzilhada, um pequeno pedaço de terreno estava intacto.

— Era aqui! É isso, era exatamente aqui!

Iura sorriu ao lembrar-se de como, na última noite, enquanto todo o acampamento dormia, desenhara a giz branco a letra mais bonita do mundo: V.

Depois, na manhã seguinte, quando a turma passou por ali, para irem tomar o pequeno-almoço, tentaram adivinhar que contorno seria aquele em torno da letra. Rýlkin, da Tropa Dois, disse:

— É uma maçã, malta!

— Que tipo de maçã tem um V no meio? Será uma inicial? De Vadimovka, será? — sugeriu Vássia Petlítsyn.

— Qual Vadimovka qual quê! É de vassugan! — respondeu Rýlkin, referindo-se a um tipo de maçã muito conhecido naquela época. E, olhando para Petlítsyn, riu-se: — Vássia-ugan!

Vássia ficou corado de imediato.

Não passou pela cabeça de ninguém que aquele contorno, ao invés de ser uma maçã, na verdade, fosse um coração. Iurka, reconhecendo entre os barulhos da noite os passos da pessoa amada, ficou tão atrapalhado que a mão começou a tremer e aquilo deu no que deu: uma maçã.

Remexendo com a ponta da galocha nos cacos de ladrilho, Iura olhou em volta. O tempo não tinha sido generoso com a alameda nem com o canteiro. Por todo o lado, amontoavam-se vigas enferrujadas e retorcidas — era o que restava do portão, tábuas e lascas podres, pedacinhos de tijolo... Pedacinhos de tijolo! Pegou no maior e deixou-se ficar agachado. Com movimentos firmes, riscou uma enorme letra V, bonita, cheia de floreados, e desenhou um coração à volta. Mais uma vez, era um coração todo torto e tremido, mas era dele, o coração de Iurka. Aquele Iura adulto deixou de lado o ceticismo e acenou mentalmente para o seu jovem eu: o que devia permanecer ali, permaneceria.

As suas recordações faziam-no viajar para lá da alameda dos pioneiros. Ao longe, vislumbrava a escada larga de três degraus que levava à praça principal do acampamento. A alameda abandonada lembrava-lhe um cemitério. Tinha a impressão de que vagueava por um antigo e abandonado cemitério; aqui e ali, como se fossem túmulos verdadeiros, estátuas e pedestais cobertos de musgo despontavam do matagal. Noutros tempos, eram sete as esculturas, que olhavam, severas, para oeste; noutros tempos, Iura, tal como milhares de pioneiros, não só sabia o nome

daquelas crianças, como tentava com todas as forças parecer-se a elas, seguir-lhes o exemplo. No entanto, agora, passadas duas décadas e mais um pouco, já tinha esquecido os seus rostos e, com dificuldade, conseguiu reconhecer apenas Liónia Gólikov, o rapaz que fez parte da resistência contra os nazis e que morreu em batalha antes de completar os 17 anos.

Lura avançou pela alameda em ruínas. Só dava para perceber que, ali, antigamente, havia um asfalto cinzento-claro e bem nivelado, devido aos farelos espalhados pelas ervas altas. Caminhava muito devagar perante os pedestais e olhava com pena para as mãos, os pés e as cabeças de gesso largadas pelo matagal. Encontrou torsos sem vida e cobertos de fuligem, com a armação interna exposta, e as plaquinhas com os seus nomes já gastas. Ao todo, apenas três delas tinham sobrevivido: Marat Kazei, o jovem que entrou para a resistência, juntamente com a irmã, e que se matou com uma granada para não ser apanhado pelos alemães; Vália Kótik, um rapaz ucraniano que ficou conhecido por recolher informações e levar a cabo pequenas sabotagens contra os nazis, morto em combate aos 14 anos; e Tólia Chúmov, que distribuía panfletos e era espião até ter sido capturado e executado pelos nazis aos 17 anos.

No fim da alameda, perto da escada, o quadro de honra estava intacto. Do vidro que o cobria, sobravam apenas alguns cacos afiados. Apesar disso, graças a um pequeno toldo que o protegia, ainda dava para ver algumas assinaturas bastante bem, e restavam três fotos a preto e branco.

Turma 3, agosto de 1992. Méritos e realizações, leu Lura no quadro. Então, aquela tinha sido a última turma. Será que o acampamento funcionara apenas por mais seis anos depois do seu último verão ali?

Ao subir os degraus que levavam à praça, sentiu o coração congelar com uma saudade arrebatadora. O que o assustava não era o antigo ser substituído pelo novo, mas sim o antigo ser

esquecido e abandonado por completo. O pior de tudo, porém, era que o próprio Iura esquecera e abandonara tudo, logo ele que, certa vez, prometera, e com sinceridade, lembrar-se das crianças-heróínas, dos pioneiros e, principalmente, da letra V. Bem, e porque encontrava só agora a maldita Goretovka? Porque só tinha voltado agora, depois de tanto tempo? Que se lixassem os princípios de Lenine, as bandeiras vermelhas e os juramentos que o obrigavam a fazer! Como tinha ele deixado de cumprir a promessa que fizera ao seu único amigo?

Iura esbarrou contra o pedaço desbotado de um brasão com a inscrição O NOSSO FUTURO É BRILHANTE E BE...

— Pois, não está lá muito brilhante e nem tão pouco belo — resmungou, subindo o último degrau.

O sítio mais importante do acampamento, como tudo o resto, tinha um aspeto lamentável. A praça estava tomada pelo lixo e pelas folhas secas, e no meio do pó no asfalto, sob o sol pálido, despontavam tufos de ervas daninhas. No centro, no canteiro de pedra, jazia o monumento decapitado de Zina Portnova, a pioneira-heróína, que dava nome ao acampamento. Aos 16 anos, Zina fazia parte do movimento de resistência e trabalhava na cozinha de um alojamento alemão, tendo envenenado a comida e matado centenas de soldados nazis. Quando a descobriram, foi presa, torturada e executada. Iura reconheceu-a e praguejou entre dentes — a rapariga, mesmo sendo de gesso, metia dó. Realizara uma verdadeira façanha, porque tinha de acabar assim? Teve vontade de a colocar de pé, mas não era possível: das pernas partidas, sobressaíam os encaixes de ferro enferrujados.

Iura apoiou o torso no pedestal, colocou a cabeça a seu lado e voltou-se para olhar para a única coisa que permanecia ilesa na praça: o mastro vazio que, tal como há 20 anos, se erguia orgulhosamente em direção ao céu.



A primeira vez que viera ao Andorinha fora aos 11 anos, e aquele acampamento tinha-o deixado tão entusiasmado que os seus pais passaram a inscrevê-lo nos verões seguintes. Iurka adorava aquele sítio quando criança, mas, sempre que voltava, sentia a alegria diminuir um pouco. Nada mudava: ano após ano, os mesmos atalhos já percorridos de trás para frente e de frente para trás, os mesmos monitores com as mesmas tarefas, os mesmos pioneiros com a rotina de sempre. Tudo igual. Os grupos de atividades — ou «clubes», como lhes chamavam — eram os mesmos: aeromodelismo, corte e costura, artes, educação física e informática. O rio com a temperatura nunca abaixo dos 22 graus. A sopa de trigo-sarraceno da cozinheira Svetlana Víktorovna ao almoço de sexta-feira. Até os hits na pista de dança eram repetidos ano após ano. E foi assim que começou a sua última temporada no acampamento: como sempre, numa fila.



AS TROPAS CONCENTRAVAM-SE NA PRAÇA E TOMAVAM OS SEUS LUGARES. Grãos de pó rodopiavam por entre os raios de sol, era possível sentir o entusiasmo no ar. Os pioneiros estavam contentes com os novos encontros e os velhos amigos. Já os monitores davam-lhes ordens, varrendo a praça com olhares severos, como se dissessem «Não é não», porém, ainda assim, a alegria cintilava. O diretor estava com o seu ar vaidoso: durante a primavera, tinham conseguido remodelar os quatro dormitórios e praticamente terminar de construir um novo. E, mais uma vez, apenas Iurka não estava a divertir-se como todos, apenas ele estava farto daquele acampamento após cinco anos, apenas ele não tinha vontade de se divertir. Chegava a sentir-se até um pouco ofendido e não tinha com o que se distrair.

Ou melhor, acabou por encontrar, sim, algo com que se distrair. À direita da haste da bandeira, rodeado pela Tropa Cinco,

estava o novo monitor. De calções azuis-escuros, camisa branca, lenço vermelho e óculos. Já devia estar na faculdade, provavelmente no primeiro ano, e era o monitor mais jovem e mais tenso. O vento aromático acariciava-lhe o cabelo, que escapava de debaixo do boné vermelho, as pernas brancas tinham marcas avermelhadas (e recentemente coçadas) de picadas de mosquito, e o seu olhar concentrado passeava pelas cabeças das crianças, os lábios murmuravam inconscientemente:

— Onze, doze, tre... treze.

Iura achava que ele se chamava Volódia — tinha ouvido algo do género, perto dos autocarros.

O sinal tocou, as mãos dos pioneiros ergueram-se, acenando, e a direção do acampamento entrou em cena. O ar estremeceu com saudações, e começaram os discursos pomposos sobre pioneiros, patriotismo e ideais comunistas, já repetidos milhares de vezes, e que Iurka já sabia de cor e salteado. Tentou não ficar carancudo, porém não teve sucesso. Não acreditava no sorriso da velha coordenadora, nem nos seus olhos cintilantes e nos seus discursos fervorosos. Iurka tinha a impressão de que não havia nada de verdadeiro naquilo, nem mesmo em Olga Leoníдовna, e, se não havia verdade, porque viviam a repetir sempre a mesma coisa? A sinceridade encontra sempre palavras novas, era o que diziam. Para ele, era como se todos no seu país vivessem na inércia, repetindo slogans devido a um antigo costume e fazendo juramentos, sem, no fundo, sentirem nada. Era tudo fachada, tudo vazio. Apenas ele, Iurka, era verdadeiro, enquanto os outros — e principalmente aquele Volódia — não passavam de robôs.

Aliás, como é que uma criatura daquelas podia ser humana? Ele era um membro da Komsomol² da cabeça aos pés, isto é, um

² Organização política juvenil da União Soviética, criada em 1918, que recebia jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 28 anos. O seu objetivo era preparar os jovens enquanto futuros membros do Partido Comunista. [N.E.]

«bom pioneiro», um rapaz inteligente, um exemplo, como se o tivessem criado numa estufa, com todos os cuidados. Era como se Volódia tivesse saído de um cartaz de propaganda: alto, asseado, sempre a postos, covinhas nas bochechas, a pele a brilhar sob o sol. *Só a cor do cabelo é que não é a certa, porque ele não é loiro*, pensou Iurka, com maldade. Bem, até podia não ser loiro, mas estava bem penteado em comparação à aparência desgrenhada de Iurka. *Mas um robô é um robô*, disse para consigo, numa tentativa de se justificar, endireitando, envergonhado, os remoinhos do cabelo. *Uma pessoa normal fica com o cabelo despenteado ao vento, mas ele, olha lá, continua todo perfeitoinho. Será que me devia inscrever no clube de informática?*

Iurka estava tão perdido nos próprios pensamentos e olhava tanto para Volódia que por pouco não perdeu o evento mais importante: o hasteamento da bandeira. No entanto, a vizinha de fila chamou a sua atenção. Também ele olhou para a bandeira e cantou o hino dos pioneiros — «Noites azuis iluminadas pelas nossas fogueiras! Somos os pioneiros, filhos dos trabalhadores!» — tal como deveria. Só depois do «sempre pronto!» é que voltou a olhar para Volódia. Aguardou, parado feito um poste, até a Tropa Cinco começar a dispersar. O monitor, endireitando os óculos, tornou a murmurar:

— Doze... Ops! Treze... tre...

E saiu atrás da criançada.



IURA ABANOU A CABEÇA, SOMBRIO, PASSANDO OS OLHOS MAIS UMA vez pela praça. O tempo não poupa nada nem ninguém: nem aquele sítio, do qual tanto gostava, por ter sido onde vira o seu V pela primeira vez, agora coberto de mato. Mais uns dez anos e seria impossível passar através dos ramos e das folhas das árvores,

e alguém que se aventurasse por ali ao acaso apanharia um belo susto com as partes dos corpos de gesso dos pioneiros. Ou pior: os canteiros de construção chegariam até ali, o acampamento desapareceria e condomínios seriam construídos mesmo em cima daqueles sítios que Iura tanto adorava.

Foi abrindo caminho em direção a oeste da praça, rumo à trilha pela qual os monitores levavam os pioneiros mais novos. O caminho seguia adiante, em direção ao rio, mas Iura parou onde estava e tentou encontrar o atalho que se perdera no meio do matagal. Orientando-se mais pela memória do que pela visão, reconheceu a bifurcação: à direita, era possível distinguir-se os contornos dos campos e de ténis e da pista de atletismo, enquanto à esquerda, um pouco mais adiante, viam-se os dormitórios das crianças. No entanto, Iura voltou atrás, para a praça, e caminhou na direção contrária, rumo à pista de dança e à sala de cinema. Avançava com dificuldade e ia olhando para as copas das árvores; tinha a impressão de que tudo em seu redor vinha de algum sonho estranho. Mal reconhecia aqueles sítios: mesmo ali, num pequeno monte, via-se a casinha da luz, e, se avançasse mais um pouco, estaria perto das despensas. Ao reavivar aquelas memórias, sentiu novamente algo pungente, quente e familiar. Em simultâneo, porém, misturava-se uma certa amargura: tudo ali se tornara estranho e desconhecido.

Depressa chegou à pista de dança — ao local onde começara a sua história, a história deles. Não era uma história muito longa, mas era tão brilhante que, com a sua luz, aquecera uma grande parte da vida de Iura.

Ladeado por uma cerca baixa e já caída, estava um palco de concha acústica, que certa vez, estivera enfeitado com bandeiras e cartazes com frases do género VIVA O PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA e NÓS SOMOS OS JOVENS LENINISTAS, que já eram antigos mesmo no tempo de Iura. No chão, havia uma faixa amachucada

e desbotada, num tom laranja-sujo. De pé e em cima daqueles trapos rasgados, Iura olhou para baixo. Conseguiu decifrar: ATA BEM O TEU LENÇO E CUIDA...; e desviou o olhar. À direita do palco, tradicionalmente, ficava uma cópia das atividades do dia. Agora, a única linha que restava comunicava que o trabalho comunitário seria às 16h30. À esquerda, na ponta da pista de dança, ainda se erguia o posto de observação de Iura: uma majestosa macieira. Antes coberta por pesados frutos e luzinhas, estava agora seca e retorcida. Já não havia forma de subir pelos ramos, porque a árvore desmornaria. Aliás, mesmo naquele tempo, Iurka já tinha caído lá de cima, há 20 anos, quando, a mando de um dos monitores, foi pendurar luzinhas coloridas nos ramos.

Aquela tinha sido justamente a primeira tarefa que lhe atribuíram, no início da temporada. Quando se apercebeu, Iurka estava no chão.



DEPOIS DAS SOLENIDADES DA ASSEMBLEIA, ELE INSTALOU-SE NO DORMITÓRIO, de seguida, foi participar, embora sem prestar muita atenção, na reunião de planeamento das tropas. Após o almoço, dirigiu-se à pista de atletismo conhecer o pessoal novo e procurar pelos camaradas das temporadas anteriores. Pelos altifalantes, davam as boas-vindas a todos os novatos. Transmitiam que a previsão meteorológica não indicava altos índices de chuva na próxima semana, desejavam que usufruíssem de lazeres úteis e de forma ativa, e aproveitassem o sol. Iurka reconheceu, nesse mesmo instante, a voz de Mitka, que tocava guitarra clássica e cantava bem, logo era ele quem dava as notícias pela estação de rádio do acampamento desde o ano anterior.

No meio das caras novas, estavam algumas já conhecidas. Perto do campo de ténis, Polina, Uliana e Marússia falavam ao



mesmo tempo. Iurka já tinha reparado nelas na assembleia — mais uma vez, estavam na mesma tropa que ele, pelo quinto ano consecutivo. Desde o início que as coisas não tinham corrido bem entre Iurka e as três. Lembrava-se delas quando ainda eram umas meninas rabugentas de dez anos, porém elas tinham crescido, já eram raparigas... Ainda assim, Iurka não ia com a cara delas e teimava em não gostar das três fofoqueiras.

Vanka e Mikha — também da tropa de Iura e os seus amigos mais chegados — acenaram em sincronia para o amigo, que retribuiu com um aceno de cabeça, mas não se aproximou, porque eles iam desatar a fazer um monte de perguntas sobre como tinha sido o ano e Iura não tinha a menor vontade de responder que, como sempre, «nada de mais» e ainda ter de explicar porquê. Também os conhecia desde criança. Eram os únicos com quem ele mais ou menos conversava. Vanka e Mikha eram dois nerds cheios de acne e divertidos. Não travavam muita amizade com raparigas, ainda não tinham amadurecido, mas respeitavam Iurka. Comprara aquele respeito com uns quantos cigarros que, por vezes, fumavam juntos, ao fugirem da hora do descanso e se esconderem atrás da cerca do acampamento.

Macha Sidorova também estava por ali, a olhar um tanto perdida em volta. Iurka já a conhecia desde há quatro anos. Ela torcia o nariz para Polina, Uliana e Marússia, era intrometida e olhava sempre para Iurka de cima. Apesar disso, no último verão, tinha-se dado muito bem com Aniuta.

Aniuta era genial, Iurka gostava muito dela. Tinham ficado amigos e ele até a convidara para dançar umas duas vezes num dos bailes de discoteca do acampamento. E — o mais importante — ela aceitara ambas as vezes! Iurka gostava da sua gargalhada um tanto escandalosa. Além do mais, Aniuta tinha sido uma das poucas pessoas que não lhe tinha voltado a cara depois *daquilo* ter acontecido no ano anterior... Iurka expulsou esse pensamento,

não queria sequer lembrar-se daquilo e de como tivera de se desculpar depois. Olhou mais uma vez para a pista de atletismo com a esperança de que Aniuta estivesse por ali, mas não a viu em lado nenhum. Nem na assembleia a vira e, a julgar pelo olhar perdido de Macha, também à procura a amiga, não restavam mais esperanças de que ela tivesse vindo.

Ao perguntar a Macha o que poderia ter acontecido a Ánia, obteve esta resposta: «Parece que ela não veio». Iurka enfiou as mãos nos bolsos, trancou a cara e subiu pelo atalho. Pensava em Aniuta: porque não teria ela vindo? Era pena terem ficado amigos apenas no final da temporada, depois separaram-se e fim. Aniuta era a única recordação boa do ano anterior no Andorinha. Ela contara-lhe que o pai tinha uns problemas com o Partido, ou no trabalho... dizia que queria muito voltar, mas não sabia se conseguiria. E não tinha conseguido, pelos vistos.

Ao passar pela casinha da luz, Iurka pontapeou um arbusto exuberante de lilases que crescia ali. Não gostava daquele cheiro adocicado, que ficava impregnado no nariz, mas, por falta de algo melhor para fazer, parou e começou à procura de uma flor com cinco pétalas — uma vez, a mãe contara-lhe que se encontrasse uma flor dessas e a mastigasse bem enquanto pedia um desejo, esse desejo realizar-se-ia. Restava saber que desejo pedir. Um ano e meio antes, tinha sonhos, tinha planos, mas agora...

— Kóniev! — A voz severa de Irina ergueu-se atrás dele. Era a monitora da sua tropa, a Tropa Um. Iurka cerrou os dentes e voltou-se. Olhos verde-claros e desconfiados estavam cravados nele. — O que é que estás a fazer aí sozinho?

Este era o terceiro ano consecutivo em que Irina era a monitora da sua tropa. Era uma mulher morena, não muito alta, rígida, mas bondosa, uma das poucas pessoas no Andorinha com quem ele se tinha conseguido dar bem.

Ele baixou a cabeça.

— Mas que porcaria... — resmungou ele.

— O que foi que disseste?

Com um estalido baixinho, Iurka arrancou o ramo mais florido do lilás. Voltando-se para a monitora, disse-lhe de modo orgulhoso:

— Eu estava só a apreciar as flores. Olha, são para ti, Ira Petróvna!

Iurka era o único que a chamava assim, com o nome e o patronímico. Nem desconfiava que isso a deixava profundamente chateada, pois Irina tentava sempre adotar uma postura mais informal com todos os pioneiros.

— Kóniev! — Ira ficou claramente envergonhada, e a austeridade na sua voz aumentou. — Estás a perturbar a ordem pública! Ainda bem que fui eu quem te viu aí, imagina se fosse uma das educadoras!

Iurka sabia que a monitora não ia fazer queixa dele a ninguém. Primeiro, porque a sua severidade escondia um coração mole, e, por algum motivo, Ira tinha pena dele. Segundo, porque, em caso de desobediência, os próprios monitores do pioneiro em questão podiam receber uma advertência, de modo que tentavam sempre resolver tudo sem chamar a chefia.

Ela suspirou e pôs as mãos na cintura.

— Muito bem, já que estás aí sem fazer nada, tenho um serviço comunitário muito importante para ti. Encontra o Aliocha Matvéiev da Tropa Três, é ruivo e tem sardas. Vão à administração, peçam dois escadotes emprestados e levem-nos até ao palco. Depois vou dar-te umas luzinhas que precisamos de pendurar para o baile de logo à noite. Percebeste?

Iurka ficou um pouco frustrado: tinha pensado em dar um passeio pelo rio, e agora, em vez disso, lá ia ter de se equilibrar num escadote. Porém assentiu. De má vontade. Irina semicerrou os olhos:

— Entendeste mesmo tudo?

— Entendi, raios... Quer dizer, entendi tudo, Ira Petrónna! —
E, com isto, Iurka juntou os calcanhares como se batesse uma continência.

— Kóniev, estás a arranjar forma de te meteres em problemas? As tuas piadinhas andam a enervar-me desde a temporada passada!

— Desculpa, Ira Petrónna. Tudo bem, Ira Petrónna. Será executado, Ira Petrónna.

— Vai de uma vez, criatura. Anda!

Aliocha Matvéiev calhou ser não só ruivo e cheio de sardas como também orelhudo. Além disso, não era o seu primeiro ano no acampamento e tagarelava sem parar sobre as temporadas passadas. Passando caoticamente de um assunto para outro, ia listando nomes e apelidos, perguntando a toda a hora: «Lembras-te de fulano? E o beltrano? Conheces?». Não eram apenas os cachos ruivos, que lhe caíam por cima das orelhas, que chamavam a atenção em Aliocha, mas também os dentes, sobretudo quando sorria — e ele estava sempre a sorrir. Ele, literalmente, emanava energia e sede de viver, era divertido e radiante. E era devastadoramente proativo. «Devastadoramente», porque Matvéiev era o tipo de pessoa capaz de afogar um peixe. Por isso, qualquer pessoa no acampamento ponderava muito bem, mas mesmo muito bem, antes de lhe atribuir uma tarefa.

Despacharam-se até bastante depressa com as luzes. Uma hora depois, já tinham enrolado as luzinhas em algumas das árvores em torno da pista e pendurado e estendido as mais bonitas pelo palco. Faltava só passar um cordão pela macieira. Iurka analisou a árvore com um olhar profissional e subiu a escada de mão. Queria que a sua adorada macieira fosse não só a mais bonita, mas que também continuasse acessível — para que, quando quisesse subir, não se emaranhasse nos fios. Segurando as

luzinhas com uma mão e, com a outra, um ramo mais grosso, Iurka passou da escada para o ramo, querendo prender as luzes mais alto.

Ouviu-se um estalido seco, depois um grito de Aliocha, depois alguma coisa arranhou a bochecha de Iurka e tudo à sua volta pareceu um grande borrão por alguns segundos; depois, sentiu uma dor aguda nas costas e no rabo, e, para completar, a vista escureceu por um instante.

— Meu Deus! Kóniev! Iurka, Iur, estás bem? ‘Tás vivo? — Ira debruçou-se sobre ele, cobrindo a boca com as mãos.

— ‘Tou vivo... — respondeu ele a gemer, enquanto se ajustava e levava as mãos às costas. — Mas doeu...

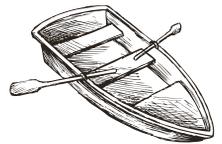
— O que te dói? Onde? O braço, a perna? Onde é? Aqui?

— Ai! Partiu-se!

— Partiu-se o quê? O quê, Iura?

— As luzes...

— Que se lixem as luzes, o importante é...



Iurka tentou levantar-se. Todas as 20 pessoas que estavam a ocupadas com os preparativos para a festa reuniram-se em torno do acidentado e olhavam-no ansiosamente. Esticando a mão magoada para que o ajudassem a levantar-se, Iurka sorriu, numa tentativa de disfarçar a dor. Tinha muito medo de perder a reputação de ser um tipo indecifrável e corajoso. Bastava apenas queixar-se de uma pequena ferida que fosse para ganhar fama de choramingas e fracote. Se ao menos fossem apenas o braço e as costas que lhe doíam... mas não! O cóccix também lhe doía. Imagine-se se ele dissesse isso, iam desatar a rir: «O Kóniev partiu o rabo!».

— O que estão para aí a dizer? «Que se lixem» o quê? — intrometeu-se a coordenadora, a severa Olga Leoníidovna que, já pelo segundo ano consecutivo, torcia o nariz a Iurka. — O que estás a querer dizer, Irina?! As luzes são património do

acampamento, quem vai pagar por elas? Eu? Ou tu? Ou então tu, Kóniev?

— O que eu posso eu fazer se estas escadas são uma porcaria?

— Ah, são uma porcaria, é? Ou talvez sejas mesmo tu o culpado, seu menino teimoso. Olha só para ti! — E tocou com força no peito de Iurka. — O lenço é a coisa mais preciosa de um pioneiro, e o teu está sujo, rasgado e com o nó todo torto! Não tens vergonha de andar neste estado pelo acampamento? De ires à *assembleia* desta maneira?

Iurka apanhou a ponta do lenço vermelho, verificando apressadamente — de facto, estava sujo. Devia tê-lo sujado quando caiu da macieira.

Tentou justificar-se:

— Na assembleia, o lenço estava bem, só se estragou porque caí!

— Porque és um vândalo parasita! — Olga Leoníдовna parecia cuspir fogo. Iurka ficou em choque. Sem saber o que responder, manteve-se calado e a ouvir enquanto ela o repreendia em frente a toda a gente. — Já não tens idade para ser pioneiro há dois anos, um rapaz deste tamanho, cheio de saúde, 16 anos nas costas e nem pensa em entrar para a Komsomol! E porquê, Kóniev? Não te vão aceitar? Não mereces? Não participas nos trabalhos comunitários, as tuas notas são para lá de más, é claro que não te vão aceitar, quem ia querer um arruaceiro na Komsomol?

Iurka até podia ter ficado feliz — finalmente, conseguira fazer a coordenadora expressar-se com alguma sinceridade, e em frente a um monte de gente! —, porém as últimas palavras tinham-no ofendido profundamente.

— Não sou arruaceiro coisa nenhuma! São as coisas daqui que são uma porcaria, partem-se do nada, e a senhora é... é uma...

Tinha a verdade na ponta da língua. De pé, Iurka encheu os pulmões de ar, prestes a berrar, até que, de repente, sentiu

alguém tocar-lhe nas costas com força. Era Ira. Estava de olhos arregalados quando sibilou:

— Quietos!

— Porque paraste, Iura? — A coordenadora semicerrou os olhos. — Estou louca para ligar aos teus pais e escrever uma carta de referência tão boa, mas tão boa, que nem a Komsomol, e muito menos o Partido, vai querer ouvir falar de ti!

Olga Leonídnova, muito magra e muito alta, crescia para ele, franzindo as sobrancelhas e soltando faíscas de ódio pelos olhos, como se quisesse deixar Iura cego, não fazendo tenções de ficar por ali:

— O teu futuro vai ser lavar o chão para o resto da tua vida! Não tens vergonha de manchar assim o nome da tua família?

Iurka ficou vermelho. Não tinha culpa de ter, por acaso, o mesmo apelido do «grande» general Ivan Kóniev, que vencera várias batalhas na Segunda Guerra.

— Olga Leonídnova, não é a senhora que diz que não se deve gritar com uma criança? — interrompeu Ira, tendo a ousadia de preender a coordenadora, sua superior.

Se um monte de gente já se tinha reunido ali à volta quando Iura caiu, agora quase todo o acampamento ali estava para ouvir os gritos.

— Com este aqui, os outros métodos não funcionam! — disse a coordenadora, e continuou a culpar Iurka. — Logo no primeiro dia já causou um verdadeiro pandemónio no refeitório, e agora estraga as luzes!

— Foi sem querer, eu não tive culpa!

Iurka não queria causar nenhum desastre, muito menos no refeitório. Na hora do almoço, quando foi entregar o prato sujo, acabou a partir metade da loiça do acampamento. Sem querer, esbarrou com a pilha de loiça suja, que, aliás, estava empilhada de qualquer maneira. O prato acabou por cair, levando os outros

consigo, e a pilha desmoronou-se e espatifou-se no chão com um estrondo. É claro que toda a gente reparou; metade do acampamento veio a correr por causa do barulho, e ele ficou lá parado, de boca aberta, vermelho que nem um camarão. Não queria aquela atenção toda! Aliás, não queria atenção nenhuma; até para ir ao mercado da vila vizinha ia sozinho, o mais discretamente possível. E agora, a mesma coisa: depois de se ter estatelado no chão, ainda levava o maior sermão por causa de umas luzinhas, e com toda a gente a olhar para ele. Até quem tinha o que fazer estava ali, a olhar, mas apenas Iurka era um desocupado!

— Olga Leoníдовna, por favor, deixe passar desta vez — interveio Ira novamente. — O Iura é um bom rapaz, já cresceu, já não se comporta como naquele tempo, não é, Iur? A escada está mesmo meio mazita. Além disso, ele devia ir à enfermaria...

— Irina, isso já é demais! Não tens vergonha de mentir assim na minha cara? Logo a mim, uma comunista com 30 anos de serviço?

— Mas eu não...

— Eu mesma vi, com os meus próprios olhos, que o Kóniev saiu da escada para subir o ramo. Vais levar uma advertência, Irina, e das boas! Vais aprender o que acontece com quem encobre agentes sabotadores!

— Como assim, Olga Leoníдовna? Porquê? Não é justo!

— Uma advertência é pouco? Estás a querer outra?

— Não. Claro que não. É só que o Iura ainda é uma criança, tem muita energia. Se ele conseguisse canalizar essa energia na direção certa...

— Qual criança, qual quê! Tem quase dois metros de altura!

Em relação à altura, a coordenadora tinha exagerado, é claro. Iurka pediria até a Deus para, um dia, ser mais alto que Leoníдовna, mas não existia Deus na União Soviética. «Um metro e setenta e cinco», foi o que lhe disseram na última consulta médica. Nem um centímetro a mais.

— É um rapaz criativo, devia fazer alguma atividade mais ativa — Ira continuava a argumentar. — Já fazes desporto, não é, Iur? Então... começou o clube de teatro, o Volódia está com poucas crianças. Por favor, dê-lhe esta oportunidade, Olga Leonídnova! Sob a minha responsabilidade.

— Sob a tua responsabilidade? — rosnou a coordenadora.

Iurka chegou a pensar que aquele seria o fim, porém, de repente, Olga Leonídnova voltou-se para trás, lançou um olhar a Volódia e resfolegou. Volódia, que até então andava a arrastar os cabos para a discoteca da sala de cinema, ficou pálido ao ouvir o seu nome, parecendo nervoso.

— Muito bem... Ele está sob a tua responsabilidade. Não podes receber mais nenhuma advertência. — Ela olhou para Iurka. — Kóniev, qualquer deslize e vocês os dois vão responder por isso. Sim, ouviste bem, a Irina vai ser castigada pelo teu desleixo. Talvez isso te meta na linha. Volódia! — gritou ela, fazendo com que o monitor recuasse dois passos, assustado.

De repente, o olhar penetrante de Olga cruzou-se com o de Iurka, e Volódia mudou de postura: a cor voltou-lhe ao rosto, endireitou os ombros e marchou corajosamente em direção à coordenadora.

— Sim, Olga Leonídnova?

— Recebe aqui este novo ator. E para que ele não tenha a brilhante ideia de andar a escapulir-se por aí, se precisares de ajuda com o clube, podemos aumentar as responsabilidades do Kóniev. Quero relatos diários do seu desempenho.

— Está bem, Olga Leonídnova. Kóniev... é Iura, não é? O ensaio começa na sala de cinema logo após o lanche. Por favor, não te atrases.

Não te atraaases, imitou Iurka, em pensamento, embora a voz de Volódia fosse bonita. Um pouco mais grave do que seria a de um barítono típico, sedosa, agradável, mas não muito afinada,

se fosse cantar. Só que o sotaque de Volódia adicionado ao tom severo soou algo engraçado e um tanto irritante.

De perto, o monitor deixou de parecer assustado; pelo contrário, quando se aproximou e olhou para Iurka, foi como se tivesse assumido outro papel. Endireitou os óculos no nariz, ergueu o queixo e ficou a observá-lo ligeiramente de cima. Iurka, que ficava à altura do nariz de Volódia, mudou o peso de um pé para o outro e anunciou:

— Não te preocupes, vou chegar a horas.

Volódia assentiu e olhou para o lado, onde uma turma se digladiava com os cabos do altifalante. Então, com um grito austero — «O que é que vocês estão a fazer?! Esse cabo é dos refletores coloridos!» —, correu até lá.

Iurka voltou-se. A pista de dança fervilhava como um formigueiro. Os pioneiros ocupavam-se mais uma vez das suas tarefas: uns penduravam enfeites, outros arranjavam isto e aquilo, outros pintavam, lavavam e varriam, e, atrás de Iurka, no palco, estavam a esticar cordas com esforço. Alguns deles preparavam-se para pendurar a faixa que estava estendida no palco.

Sánytch, o encarregado, dava ordens com a sua voz de trovão:

— Puxem!

A corda retesou-se e, bem acima da cabeça de Iurka, uma faixa larga, de um tecido vermelho-brilhante, com frases em letras brancas como a neve, foi estendida.

Iurka resfolegou, deu um puxão na ponta já bastante gasta do seu lenço de pioneiro e, com desdém, recitou sílaba a sílaba as frases da faixa, os famosos versos do poema de Stepan Schipatchóv:

AMARRA BEM O TEU LENÇO E CUIDA DELE COM ARDOR,
POIS ELE E A NOSSA BANDEIRA TÊM A MESMA RUBRA COR!



UMA VERDADEIRA ALGAZARRA

A brisa suave trouxe um cheiro sufocante a óleo diesel queimado, vindo das construções. Era um cheiro tão estranho àquele sítio que, ao senti-lo, tinha vontade de se esconder. Nesse mesmo instante, a chuva, que até então estava fraca, começou a cair com força. Iura correu para a sala de cinema. Mesmo sem o vento tóxico e a chuva gelada, era inevitável ir até lá, ao sítio que mais lhe despertava as recordações.

A sala de cinema ficava próxima da concha acústica; também tinha servido de teatro e pista de dança, pois era ali que montavam a discoteca nas noites em que ameaçava chover. O alto edifício de madeira estava surpreendentemente bem conservado, apenas as enormes janelas estavam escancaradas, como buracos escuros emoldurados por cacos de vidro.

Os degraus do cinema rangeram como há 20 anos, quando eles se tinham encontrado pela primeira vez. No fundo, Iura até ficou contente com o barulho; afinal, com que frequência temos

a oportunidade de ouvir um som que vem diretamente da nossa infância, sem qualquer alteração? Apenas faltava ouvir o piano: a terna e profunda *Canção de Embalar* — a música-tema daquele verão. Para Iura, aquele edifício seria para sempre associado à canção: tanto naquela altura, quando a música se fazia ouvir todos os dias, quanto naquele momento, em que reinava um silêncio sepulcral na sala de cinema. Mas a razão pela qual aquele sítio, mesmo sossegado, continuava a lembrá-lo da canção, era algo que Iura não entendia.

Por fora, a construção até estava bem conservada, mas por dentro era outra história. Nas janelas, ondulavam cortinas grossas e roídas pelas traças. Tinham derrubado a porta de entrada, forrada de feltro, deixando um espaço vazio através do qual entrava um feixe da luz do dia na sala quase escura. A luz espalhava-se pelas costas das poltronas verdes, ainda enfileiradas nos seus devidos lugares. Uma parede nua estava iluminada, criando sombras nas texturas da pintura descascada. A luz também revelava o piso encardido. Ao seguir o raio de luz, o olhar de Iura recaiu sobre os tacos de madeira soltos, e então compreendeu porque fizera uma associação tão clara com a música. Alguns dos tacos de madeira estavam empilhados, aqui e ali, mas outros ainda estavam no lugar, como se fossem as teclas partidas de um piano. A *Canção de Embalar* era uma bonita melodia, seria agradável tocá-la mais uma vez.

O palco. À esquerda, no sítio onde, naquela noite inesquecível, Volódia se tinha sentado, crescia agora uma planta: era uma bétula ainda jovem, de tronco fino, que abrira caminho desde os alicerces, forçando as tábuas apodrecidas do palco para se estender em direção a um buraco no teto, através do qual entravam raios de sol pálidos e oblíquos. A copa inesperadamente frondosa apenas destacava o vazio em redor, vazio esse que feria os olhos de Iura, pois recordava-se nitidamente que, antes, era ali que ficava o piano.

Caminhando pelo piso de teclas, seguiu em direção à bétula. Bastou encostar-se ao de leve às suas folhas cobertas de pó para perceber que não queria ir-se embora dali nem por nada deste mundo. Podia ficar ali até ao anoitecer, a olhar para a árvore e à espera da hora em que as pesadas cortinas se abrissem e os atores entrariam em cena. Apoiou a pá no palco, sentou-se numa decrépita poltrona, que rangeu um pouco. Iurka sorriu ao lembrar-se de como o piso rangeu, queixoso, sob os seus pés durante o primeiro ensaio, quando entrou, vacilante, pela porta forrada de feltro, que agora jazia no chão da entrada. Tinha ficado tão zangado com Ira Petróvna naquele dia!



CARAÇAS, IRA PETRÓVNA, NO QUE ME METESTE COM ESTA HISTÓRIA DO teatro, há! O humor de Iurka não podia estar pior — e não era para menos, tendo em conta a quantidade de gente que o tinha visto passar pela maior vergonha e ainda levar uma descasca da coordenadora. Que Olga Leoníдовna fosse para o inferno mais os seus sermões! Iurka passou a manhã inteira furioso, ressentido e a tentar encontrar uma desculpa para não ir ao ensaio. No entanto, não conseguiu safar-se e teve de conter os próprios caprichos; afinal, sabia que, se não aparecesse, seria Ira Petróvna quem arcaria com as consequências.

Mas, ainda assim, continuava furioso! Iurka tencionava bater com a porta quando entrasse, só para mostrar a toda a gente o que pensava daquele teatro amador e idiota. No entanto, assim que entrou, de peito inchado, congelou ali, na soleira da porta.

Volódia estava sozinho. Sentado mesmo à beira do palco, no lado esquerdo, a ler alguma coisa num caderno e a comer uma pera. A seu lado havia um pequeno rádio a pilhas, a chiar e

engasgar-se com as interferências, enquanto tentava transmitir *Canon*, de Pachelbel. Ao perceber que a estática atrapalhava outra vez os acordes do piano emitidos pelos altifalantes, pousou o caderno no colo e, sem olhar, começou a mexer na antena.

Iurka ficou um tanto aturdido: olhando daquela perspectiva, Volódia parecia-lhe muito mais acessível, e até cativante. Sem a menor sombra de presunção, o monitor estava sentado diretamente no chão, concentrado e curvado, a balançar as pernas. Mordia a pera, mastigava de modo pensativo e engolia — por pouco não se engasgou e, de repente, abanou a cabeça. Parecia não estar a gostar do texto. Os óculos tinham-lhe escorregado para a ponta do nariz.

É claro que iam andar a escorregar de um nariz assim tão reto, pensou Iurka, e tossiu. Sem querer. Teria ficado ali parado, a observar, a analisar e a invejar Volódia — não o nariz, é claro, mas a pera, porque ele gostava muito de peras. Volódia levantou a cabeça, deixou o caderno de lado e, automaticamente, levou o dedo ao rosto, porém repensou o gesto e, com todo o cuidado e um pouco de arrogância, endireitou os óculos pelas hastes laterais.

— Olá. Já voltaste do lanche?

Iurka assentiu:

— E onde estão a dar essas peras? No refeitório não havia nenhuma...

— Deram-ma.

— Quem? — perguntou Iurka, automaticamente, como se estivesse a falar com algum conhecido e pudesse pedir-lhe um pedaço ou trocá-la por alguma coisa.

— A Macha Sidorova. Ela toca piano aqui connosco, deve estar a chegar. Queres dividir? — E estendeu-lhe a pera meio comida, embora Iurka tenha abanado a cabeça. — Tudo bem, se não queres, não queres.

— Então, o que vou fazer aqui? — perguntou Iurka, subindo ao palco e cruzando os braços com ar de profissional.

— Direto ao assunto, huh? Gostei da atitude. Pois é, o que vais fazer? — Volódia ficou em pontas dos pés por um instante, a olhar para o chão branco e limpo. — Estava a dar uma vista de olhos ao guião e a pensar que papel te ia atribuir, mas acho que não temos nenhum para um rapaz do teu tamanho.

— Como assim? Nenhum?

— Nenhum — repetiu Volódia, sem desviar os olhos de Iura.

— Pode ser a árvore... ou o lobo... em qualquer peça para crianças há um lobo ou uma árvore.

— Árvore? — Volódia deu uma risada. — Temos um esconderijo feito de lenha, um tronco na verdade, mas isso é um acessório cénico, não é uma personagem.

— Acho que devias pensar melhor sobre isso. Consigo fazer uma interpretação excelente de um pedaço de lenha, sou praticamente um profissional. Queres ver?

Sem esperar pela resposta, Iurka deitou-se muito direito no chão e juntou os braços ao corpo.

— Vês? — perguntou, erguendo-se um pouco e olhando para Volódia.

— Não tem piada — respondeu o monitor, num tom seco. — Não estás a perceber a parte mais importante. Não é uma peça de comédia, é um drama. Uma tragédia, na verdade. Faz este ano 30 anos que o acampamento foi fundado. A Olga Leoníдовna falou sobre isso na assembleia.

— Sim, falou — confirmou Iurka.

— Então. Que o acampamento tem o nome da Zina Portnova, a pioneira-heroína, de certeza que estás farto de saber. Mas sabias que o primeiro grande evento que tivemos aqui foi uma peça sobre a vida dela? Vai ser justamente essa peça que vamos



representar para o aniversário do acampamento. O pedaço de lenha fica para outra altura, Iura.

Volódia falava de uma forma inspirada, como uma pessoa que se preparava para fazer algo importante e significativo. No entanto, Iurka não gostou da ideia.

— Aff! — suspirou, fazendo uma careta. — Que aborrecido.

Primeiro, Volódia franziu o sobrolho, depois, ficou a observá-lo atentamente e, por fim, respondeu:

— Não, não vai ser aborrecido, pelo menos para ti. Já que não te arranjam um papel, vais ajudar-me com os atores. Além de mim, só há mais um adulto por aqui...

Iurka revirou os olhos e, estalando a língua, interrompeu:

— Ah, então, eu sou adulto! Tens quantos anos? Deves ter 17, no máximo. Estás no primeiro ano da faculdade, deves ter só mais um ano do que eu...

Volódia tossiu, endireitou os óculos e disse baixinho:

— Tenho 19... quase. Faço anos em novembro. — De seguida, endireitou-se e acrescentou, severo: — Eu, no teu lugar, Kóniev, não esqueceria que estou a falar com um monitor!

Volódia não parecia estar a tentar ser autoritário, parecia, sim, dececionado, o que fez com que Iurka ficasse envergonhado. Realmente, Volódia era um monitor, tal como Ira Petrónna.

Mais sossegado, Iurka disse:

— Está bem, exagerei... Mas quem é este outro «adulto» do grupo além de ti?

— A Macha — respondeu Volódia. Iurka teve a impressão de que ele ainda estava um pouco ofendido, mas continuou a falar como se nada tivesse acontecido: — Aliás, ela é da tua tropa. Os restantes miúdos são ainda crianças. As meninas nem dão trabalho, são bastante obedientes, já os rapazes são umas pestes. Não basta estares de olho neles, tens de ser autoritário.

— Aff... A Macha é baby-sitter, então. E eu vou ser o quê? A mãe deles?

— Estou a dizer que só a Macha não adianta: os rapazes não precisam de alguém para cuidar deles, precisam de autoridade. Eu não tenho tempo para...

— E de onde tiraste a ideia de que eu vou aceitar isso?

Volódia soltou um suspiro profundo.

— Vais aceitar, sim. Não tens escolha.

— Ai é?

— É. E se eu fosse a ti, andava na linha...

— Senão o quê?

— Senão vão expulsar-te do acampamento! — Volódia elevou o tom de voz, parecendo irritado. — É a sério. Sabes que a Irina levou uma bela descasca por causa das luzes, certo? E a Olga Leonídnova pediu-me para te lembrar que esta é a tua última oportunidade.

Iurka não soube o que responder. Levantou-se de um salto, dando voltas pelo palco. Depois parou e ficou ali como que pregado ao chão, a pensar. O acampamento era uma seca? Era. Queria ir-se embora? No fundo, não exatamente. Na verdade, não conseguia definir muito bem o que queria, mas ser mandado embora do acampamento, e ainda por cima com desmérito... Bem, estava tudo bem se fosse expulso, mas e a Ira Petrónna? Que ficaria com uma advertência pessoal e uma péssima carta de recomendação? Que tipo fixe, além de se esconder debaixo da saia da monitora, ainda a levava para o fundo do poço. Não, não estava de todo nos planos de Iurka.

— Agora fazem chantagem? — acusou ele, sentindo-se zangado não só com eles, mas consigo próprio.

— Ninguém está a fazer chantagem e muito menos a querer mandar-te embora. Só tens de te portar bem, obedecer aos monitores, ajudar.

— Obedecer? — sibilou Iurka.

Sentiu-se enclausurado. Parecia que toda a gente fizera um acordo e estava à procura de mais motivos e formas de o irritar ao máximo, de se infiltrarem nos seus pensamentos e sentimentos até onde fosse possível e usar tudo isso para o intimidarem, o sufocarem... Iurka mal tinha chegado e já estavam a cair-lhe em cima, culpando-o, discutindo e ralhando com ele. Não era justo! Então, foi como se Iurka se transformasse numa fera, sem deter o controlo das próprias ações e palavras. Tinha de deitar cá para fora todo aquele ódio, precisava de partir e destruir tudo o que se atravessasse no seu caminho.

— E quem são vocês para mandarem em mim? Ah! Eu vou mostrar-vos, oh, se vou! Um espetáculo, não é? Eu vou armar um espetáculo que nunca vão esquecer.

— Mais ameaças — disse Volódia, com um estalido da língua, como se as palavras de Iurka não o tivessem atingido. — Faz isso, então. Vão expulsar-te, e depois acabou-se. Mas quem vão punir pelo teu espetáculo? A ti? Não, a *mim!* E como é que eu vim aqui parar? Só disse a verdade! A administração está por aqui contigo, *por aqui*. Nem consigo perceber como te deixaram vir este ano.

— Eu não fiz nada de mal! — disparou Iurka, sentindo-se desanimado logo de seguida. — Foi tudo... um acidente: os pratos, as luzes... Não foi de propósito! E não queria que a Ira acabasse no meio disto...

— Está mais do que claro que não o querias.

Volódia falou com tanta sinceridade que Iurka até ficou surpreendido.

— Como assim?

— Eu acredito em ti, e os outros também acreditariam, se a reputação de Iura Kóniev não fosse tão má. Desde o teu incidente do ano passado, o acampamento não para de receber inspeções. A Leoníдовna só precisa de um pretexto para te expulsar.

Assim sendo, Iura... faz-te homem. A Irina já assumiu a responsabilidade e, agora, também eu respondo por ti. Não nos dificultes a vida.

No palco, à direita, ficava o piano, e, no centro, um busto do líder do proletariado, Vladímír Ilitch Lenine. Iura estava tão irritado que tinha vontade de despedaçar a cabeça de Lenine no chão, espatifá-la em mil pedacinhos, porém tentou ficar calmo e respirar fundo. Aproximou-se do busto, apoiou os cotovelos em cima dele, encostou a testa na careca gelada de Lenine e olhou tristemente para Volódia.

— Já que és tão sincero, diz-me... Não vão dar-me nenhum papel só para eu não ter de mostrar a minha cara feia e para não envergonhar o acampamento inteiro, certo?

— Que disparate é esse? Não tens um papel porque não pensei em nada. Os outros miúdos são todos pequenos, no meio deles ias parecer um gigante no país dos liliputianos. E não temos um gigante no guião. — Ele sorriu. — Diz-me o que sabes fazer. Sabes cantar, dançar? Tocas algum instrumento?

Iurka olhou de soslaio para o piano e sentiu uma pontada incómoda no peito. Ficou carrancudo e fitou o chão.

— Não sei fazer nada e não quero fazer nada — mentiu ele, enganando-se muito mais a si do que a Volódia.

— Muito bem. Então, voltamos à proposta inicial: vais ajudar-me e aproveitas para melhorar a tua indisciplina e reputação.

A conversa ficou por ali. Ficaram ambos quietos. Iurka focou, com o olho esquerdo, o nariz de Vladímír Ilitch, depois soprou o pó. O outro Vladímír, não o Ilitch, o Lvóvitch, que não era líder do proletariado e sim monitor — e, de momento, diretor de teatro —, voltou novamente toda a sua atenção para o caderno. Durante esse período, a hora do lanche, do qual Iurka tinha sido o primeiro a sair, terminou de facto e os atores começaram a chegar à sala de cinema.



A primeira a aparecer foi Macha Sídorova. Sorrindo para Volódia e ignorando Iurka, passou com sua saia godé e sentou-se ao piano. Iurka observou-a com atenção: num ano, Macha tinha mudado muito. Estava mais alta, mais magra e deixara o cabelo crescer até à cintura, e ainda tinha aprendido a namoriscar. Sentou-se toda confiante, com a postura impecável e as longas pernas bronzeadas.

— Ludwig van Beethoven — anunciou ela, não muito alto. — Sonata para piano número 14, opus 27.

E, atirando o cabelo para trás, pousou os dedos no teclado.

Iurka fez uma careta: a *Sonata ao Luar*? Macha não tinha conseguido pensar em nada mais original? A *Sonata* era uma porcaria, qualquer um conseguia tocá-la. Por mais que Iurka estivesse rabugento, não conseguiu evitar sentir uma pontada de inveja, porque não era para ele, e sim para Volódia, que Macha lançava um olhar tímido, mas cheio de carinho. Era para o monitor que tocava.

Macha terminou e estava prestes a começar outra sonata, claramente para que Volódia ficasse mais um pouco ali por perto e continuasse a olhá-la em aprovação e admiração, mas não teve sorte.

Escancarando a porta com um estrondo, como Iurka queria ter feito, um batalhão de pequenos atores irrompeu sala adentro. Esta entrada chamou imediatamente a atenção de Volódia e Iurka. Cercado pelas crianças — cada uma precisava de conotar alguma coisa de extrema importância ao diretor da peça —, Volódia tentava acalmá-las. No entanto, depressa precisou de se acalmar a si próprio, porque a Santíssima Trindade apareceu. Bom, não era a Santíssima Trindade na verdade, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo... A menos que o Céu cheirasse a perfume de senhora. Eram a Polina, a Uliana e a Marússia, que Iurka apelidara de ПУМ, a junção das iniciais do nome de cada

uma. Estas três amigas eram a encarnação da estátua dos três macaquinhos de «Não vejo, não ouço, não falo», só que ao contrário: tudo vejo, tudo ouço atrás da porta e tudo conto ao mundo inteiro. Elas flutuaram, graciosas, até ao palco, com olhares curiosos que estudavam tudo em volta. Bem arranjadas, até de modo excessivo, todas usavam o mesmo batom e o mesmo perfume polaco, *Być Może*, ou «Pode Ser». Iurka conhecia-o bem, porque metade da população feminina do país usava aquele perfume.

De início, Iurka pensou que Volódia mentira sobre ser o único adulto no clube, mas percebeu que começava a escorrer-lhe suor pela testa e compreendeu tudo: ele próprio estava surpreendido com a popularidade que o espetáculo estava a ganhar. E, para completar, Polina, atiradiça como era, pegou-lhe na mão.

— Volódia, podemos fazer alguma coisa mais moderna? Eu conheço uma peça muito gira, é sobre o amor, e eu posso interpretar o papel da...

— Meninas, por acaso vocês não sabem que o período para as inscrições já encerrou? — Macha intrometeu-se, pálida de tanto ódio. Já tinha percebido que não era o espetáculo que tinha ganhado fama, mas sim o monitor. — Podem ir-se embora, já vieram tarde!

— N-não há problema. — Volódia estava envergonhado, com as bochechas até um pouco coradas. Também, pudera, não é? Com tantas raparigas bonitas à sua volta, todas a olhar para ele... Iurka também ficaria. — No grupo da Zina Portnova, os Jovens Vingadores, não a tinham como a única rapariga. Vamos encontrar algum papel para vocês. Por exemplo, ainda não temos a Fruza Zénkova...

— Então, estás a dizer que para elas tens papéis, e eu tenho de ser o baby-sitter? — interrompeu Iurka, furioso.

No entanto, o seu protesto não foi ouvido. Às vozes esganiçadas das crianças juntaram-se os berros dos adultos, e assim teve início uma verdadeira algazarra.

— Ai, posso ser a figurinista? — sugeriu Marússia. — Vou fazer uns fatos tão bonitos para todos.

— Havia fatos bonitos na guerra? — atirou Iurka, revoltado.

— A peça é sobre a guerra? — perguntou Marússia, desapontada.

— Aaaaah...

— Bêêêê! — respondeu Iurka. — Se a peça é sobre a Portnova, é óbvio que é sobre a guerra. Ela veio para participar na peça e nem sabe do que se trata... Volódia! Porque é que eu tenho de ficar a cuidar das crianças?

— Vóvtchik, vamos encenar uma mais moderna, sim? — insistia Polina. — Fazemos *Juno e Avos*! É uma ópera-rock, todos vão a-mar!

Macha, que entretanto deixara o piano, começou a discutir com as suas três rivais. Iura argumentava sobre a injustiça da situação e as crianças berravam por causa do espetáculo e o que tinham imaginado, enquanto Volódia gritava para que todos ficassem sossegados. Ninguém ouvia ninguém.

— E quem foi que disse que a peça é uma seca, hã, Úlia? — Macha, meio descabelada devido à raiva, puxava a bainha do vestido chita. — E tu estás a rir-te do quê, Pólia? Até parece que não lhes estiveste a fazer a cabeça...

— E tu estás com medo de quê? Que levemos o Volódia embora? — provocou Uliana.

— Tu é que vais cuidar das crianças! — gritou Iurka, irritado.

— O metro de Moscovo é tão bonito... — comentava um miúdo gorducho da tropa de Volódia.

— Volódia, Volódia, Volódia! Posso, posso contar-te uma coisa? Volódia! — exclamavam as crianças, enquanto saltavam e puxavam as mãos do diretor.

— Esperem um pouco. Crianças, uma de cada vez... — pedia Volódia, na tentativa de sossegá-las.

— Eu estava mesmo na beirinha da plataforma, e o comboio estava a chegar, tchuc-tchuc, tchuc-tchuc! E eu estava mesmo na beirinha... assim, olhem! E tchuc-tchuc-tchuc... — continuava o gorduchinho, todo fanfarrão, enquanto dava piruetas.

— Sacha, sai da beira do palco! Vais cair!

— Tchuc-tchuc!

— Que pateta!

— Posso contar-te uma coisa?

— Não é justo!

— Vou ser a figurinista.

— Meu Deus, chega! — O rugido de Volódia atravessou a sala como um rolo compressor, pondo um fim naquela discussão.

Ficaram todos em silêncio. Um silêncio tão absoluto que era possível ouvir os grãos de pó a caírem no chão. O coração a bater: tum-tum... A respiração pesada de Macha. Todos tinham congelado, só o gorduchinho continuava com as piruetas mesmo à beira do palco, que não tinha mais de um metro de altura.

Tum-tum...

De repente, ele cruzou as pernas, abriu os braços desajeitados e começou a cair, lenta e pesadamente. O coração de Iurka parou de bater. Macha semicerrou os olhos. Os óculos de Volódia ficaram embaciados.

Tum-TUM!

— Aai! A minha peeeernaaaa!

— Sacha!

Metia dó só de olhar para o rapazinho, mas dava ainda mais pena olhar para Volódia. Ele corria em torno do miúdo magoado, com as mãos a tremer, e repreendia-se a si próprio:

— Eu devia ter adivinhado, eu devia ter...

Iurka, embora ainda furioso com Volódia, foi o primeiro a correr para ajudar. Abriu caminho por entre os pequenos atores chocados e rapidamente chegou perto de Sacha. Depois, citando a fala do protagonista de um dos filmes estrangeiros da moda — «Afastem-se todos, o meu pai é médico!» —, ficou de joelhos. E não estava a brincar. O pai de Iurka já lhe tinha, de facto, mostrado mil vezes como examinar um paciente, por isso analisou o tornozelo magoado e o joelho contundido, depois, com ar de especialista, concluiu que deviam levar o acidentado sem demora para a enfermaria. Assegurou com autoridade que não seria necessária uma maca.

Volódia tentou pegar no ferido por baixo dos braços, mas este soluçou e recusou-se a tentar ficar de pé na perna boa.

— Iur, dá-me aqui uma ajuda. Pegas nele pela esquerda? Eu... eu sozinho não... — Volódia resfolegou. Sachka, o chorão acrobata, pesava quase o mesmo que o monitor, e só dificultava as coisas por estar a fazer uma grande fita.

— Mãe! Maaaamãã! — gemia Sacha.

— Pronto, já o segurei! Um, dois, três! — Iurka deu o comando, de forma prática, como se ele próprio não se tivesse magoado de manhã, quando caíra da macieira, nem sentisse dor ao agachar-se.

— Macha, estás no comando — informou Volódia.

Macha lançou um olhar vitorioso às rivais.

— E eu posso ser a figurinista ou não? — repetia a chata da Marússia.

— Podes, podes — respondeu Volódia, ríspido, mas, depois, acalmou-se e recomendou: — Leiam os papéis, daqui a pouco eu... Meu Deus, Sacha, eu sei que está a doer, mas para de berrear tanto!



DIRIGIRAM-SE À ENFERMARIA DEVAGAR E SEMPRE COM A TRILHA SONORA dos berros do miúdo magoado. Qualquer um podia ver que Sacha berrava daquela forma não de dor, mas de medo e para chamar a atenção. Iurka forçava-se a ficar calado, pensando no próprio cóccix, enquanto Volódia tentava consolar o menino:

— Sacha, calma, já falta muito pouco.

A enfermeira Larissa Serguêievna apareceu a correr ao ouvir aqueles berros, começou a cacarejar como uma galinha, estonteada, lamentando-se pelo pobre coitado. Empurrou Iurka de modo grosseiro e lançou um olhar severo e cruel ao monitor. Iurka, encolhendo os ombros, não fez questão de entrar na enfermaria, porém, de repente, Larissa Serguêievna quis saber se a pomada que lhe dera o ajudara, e foi aí que Volódia ficou a saber da queda vergonhosa de Iurka. Era algo tonto, mas desagradável. De qualquer forma, decidiu esperar por Volódia, deixando-se ficar a ouvir atrás da porta. Queria saber se o seu diagnóstico estava correto: não era nada de grave, só umas quantas nódoas negras, nenhuma entorse e nenhuma distensão.

Perto do alpendre da enfermaria, numa moita florida de rosas silvestres, havia um banco muito confortável. Iurka deitou-se ali, a encarar o céu e, respirando fundo aquele ar fresco que cheirava a flores, apercebeu-se de como a sala de cinema era abafada.

Volódia saiu após uns dez minutos. Levantou as pernas de Iurka e desabou, exausto, no banco. Soltou um suspiro profundo.

— E então? Ele vai sobreviver? — perguntou Iurka, preguiçosamente, enquanto aproveitava aquele ar tão agradável, limpo e fresco, uma delícia.

— Ah, vai, um joelho arranhado e umas nódoas negras, nada sério. Para quê aquela gritaria toda?

— Como assim para quê? — Iurka ergueu um pouco a cabeça, mas não tinha pressa para se sentar. — Hoje eram as audições. É óbvio que o Sacha queria mostrar todos os seus talentos



de uma vez. E tens de dar o braço a torcer: estamos a perder um vozeirão!

Volódia sorriu, e, no seu rosto cansado, aquele sorriso parecia tão sincero que Iurka até ficou surpreendido: seria ele o motivo daquele sorriso? Iurka ficou feliz, era uma sensação agradável. Mas o sorriso desapareceu tão depressa quanto tinha surgido.

— Já estou farto disto tudo! — exclamou Volódia, esfregando as têmporas.

— Farto de quê? De seres um monitor?

Iurka espreguiçou-se e colocou os braços atrás da cabeça. Olhou para o céu e semicerrou um pouco os olhos devido à claridade azul-celeste.

— É o primeiro dia da temporada e já estou cansado de tudo! De ficar a cuidar das crianças, ter de reportar cada mínima coisinha às educadoras, estarem constantemente a chamar-me à atenção por tudo, por uns disparates! E ainda me arranjam este clube de teatro... E para completar, o miúdo cai do palco.

— Então, porque vieste? Não sabias que ia ser complicado?

— Sabia... mas não achei que seria assim tanto. Quando eu era pioneiro e ia para o acampamento, não parecia tão difícil: imagina, é só cuidar de algumas crianças! Ah, e tinha algumas vantagens: recebes um ordenado, passas algum tempo no meio da natureza, consegues uma boa carta de referência, o que dá muito jeito para entrares na Komsomol e, depois, se tudo correr bem, no Partido. Mas não é tão simples assim. — Volódia chegou-se para perto mais um pouco, quase se debruçando sobre Iurka. — Puseram-me com a tropa mais nova, porque supostamente é mais fácil lidar com os pequenos. Mas, pelo contrário, os pequenos deixam-te louco! Tenho de fazer a contagem três vezes por hora, eles fogem de mim e da outra monitora e não obedecem de forma nenhuma. Eu vou fazer o quê? Passar o dia a gritar com eles?

— E porque não podes gritar, se até a coordenadora grita? Que grande pedagoga que ela é...

Iurka fez cara feia.

— Ela não devia ter feito isso, claro — concordou Volódia. — Ela própria ensinou-nos que não se deve levantar a voz a uma criança, mas, se for necessário ralar, devemos focar-nos no erro que cometeram, e não na própria criança. E o mais importante: nunca em frente a outras pessoas.

— Ela disse isso? — Iurka soltou uma gargalhada. — Essa é boa...

— Disse. Mas isso foi antes da inspeção de ontem e de terem apontado um monte de infrações. Eles vêm para aqui todas as temporadas, sem falta. Adivinhas por causa de quem?

— Não é possível que seja por minha causa!

Era inacreditável. Aquilo acabou com o bom humor de Iurka.

— E quem foi que teve a bela ideia de arranjar confusão no acampamento? Devias estar grato por não terem chamado a polícia.

Os olhos de Volódia chegaram a cintilar de um modo quase cruel, porém o seu ímpeto em ensinar a Iurka a distinguir o certo e o errado dissipou-se quando olhou para a pequena casa verde da enfermaria. Deixou o papel de educador de lado e suspirou profundamente. Era possível perceber que, só de se lembrar do acidente de Sachka, estava a ser arrastado para um turbilhão de preocupações e problemas. Quando voltou a falar, a voz dele estava rouca e sem emoção:

— Amanhã tenho de levar a Tropa Cinco ao rio. Não vou sozinho, claro, a monitora-assistente vai comigo, a Lena. Ela tem mais experiência. Um dos professores de Educação Física vai lá estar também, para ajudar a tomar conta das crianças. Até já fizeram uma piscina flutuante na parte rasa do rio, sabias? Tudo direitinho. Mas mesmo assim estou a morrer de medo. E

a Lena também. Ela contou-me que um monitor, seu conhecido, foi processado no ano passado, porque uma menina da tropa dele se afogou. E era de dia, com toda a gente a ver... Hoje não houve tempo para irmos ao rio; eles chegaram, arrumaram as coisas, e depois já estávamos na hora do almoço. Mas amanhã vai toda a gente. Se dependesse de mim, nunca iam entrar na água!

Iurka encolheu-se um pouco: realmente, no Andorinha também aconteciam fatalidades por vezes, ele ouvira falar de alguns casos.

— Não desanimes. — Iurka queria encorajar Volódia, embora ele próprio estivesse abatido. — Estamos ainda no início da temporada, ainda temos muito pela frente, vais habituar-te e vai correr tudo bem. Olha a Ira Petróvna, por exemplo. Não é a primeira vez que ela é monitora, por isso deve ter alguma coisa de bom, certo?

— Para mim, por enquanto, a única coisa boa é o dinheiro e a recomendação para o Partido...

— Só sabes pensar no Partido, huh? — De repente, Iurka perdeu a paciência. — Já é a segunda vez que falas nisso.

Como bom adolescente que era, ficava irritado com a insistência das pessoas em viverem na inércia, seguirem numa direção já determinada, sem darem um passo sequer para fora da linha, sem fazerem nada diferente daquilo que lhes tinha sido ensinado.

Volódia encolheu os ombros.

— Claro! Iura, até parece que não sabes que sem o cartão do Partido não arranjamos um bom emprego... Não um a sério. E nem consegues sair do país. Sim, o sistema político não é o ideal, está meio ultrapassado, meio redundante, mas ainda funciona.

— Como assim?

Iurka ergueu as sobrancelhas, surpreso. Não esperava ouvir nada parecido vindo de Volódia, o rapaz modelo. Para quem estivesse a ver de fora, Volódia parecia zelar profundamente por aquele sistema «trabalhista», do qual nunca falaria mal...

— É isso mesmo que ouviste. Mas fica entre nós, está bem? Já não estamos na época do Estaline, mas é melhor não brincar com isto...

— Falou e disse!

Iurka até se sentou. Sentiu uma alfinetada no cóccix e fez uma careta.

— Quem é progressista fica insatisfeito por ainda vivermos no mesmo país de há 50 anos: pioneiros, Komsomol, Partido. Eu não sou cego, claro, mas não vejo outra saída.

— Discordo! — Iurka até se endireitou e se voltou para olhar Volódia nos olhos. — Há sempre uma saída.

O monitor sorriu, com um certo desdém e benevolência, mas, de qualquer modo, Iurka ficou, mais uma vez, contente com aquele sorriso.

— Não concordas com muita coisa, Kóniev. Mas assim também não dá para viver. É claro que existe uma saída. Neste caso, é fazermos o que temos a fazer, entrar na Komsomol, depois, no Partido, por mais inútil que aches que é. Ser teimoso e tentar evitar o inevitável, isso, sim, é inútil.

E Iurka, que de fato estava habituado a discutir com toda a gente e a não concordar com nada, surpreendentemente, deu por si sem saber o que lhe responder. Não queria ceder, mas compreendia, no fundo, que havia alguma verdade naquilo que Volódia dizia. Principalmente, na parte em que era inútil resistir.

Foi nesse exato instante que Iurka passou a ver Volódia com outros olhos. O monitor, de repente, deixou de parecer um robô e

transformou-se numa pessoa normal, com preocupações e problemas, que nem sempre sabia como agir. Agradou-lhe que ambos tivessem algumas ideias em comum, e teve vontade de ajudar.

— Queres que eu te ajude? — ofereceu, de um modo um pouco atrapalhado.

— Com o quê?

— Com a pequenada, então. Não digo apenas nesta história do teatro e tudo o mais, mas com a tua tropa também. Amanhã, por exemplo, vais levá-los ao rio; não queres que vá convosco? — Iurka hesitou, surpreendido com o próprio entusiasmo. — Quer dizer, estavas tão preocupado e assim... — explicou, envergonhado.

Volódia também ficou surpreendido.

— A sério? Seria muito simpático! — De repente, ele estalou os dedos, animado. — É isso! Isso resolveria os teus problemas e os meus. Nada mal. Conta-me mais sobre ti.

No entanto, o sinal estrondoso que lhes chegou do altifalante não deu a Iurka a oportunidade de contar fosse o que fosse.

Não eram as trombetas de Jericó que soavam, era apenas o sinal que chamava o acampamento para jantar. E a terra tremeu, não com as muralhas invencíveis da cidade que desmoronava, mas com a multidão de pioneiros. Tais generais, os monitores gritavam para as suas tropas:

— Formem duas filas! Nos vossos lugares! Maaaaarchem!

Vida jorrava no acampamento como uma fonte.

Volódia, assim que ouviu o chiar do altifalante, apressou-se a reunir a trupe do teatro para os levar para o refeitório, enquanto Iurka se levantou e seguiu para a enfermaria: era melhor deixar Larissa Serguêievna passar mais um pouco de pomada. No dia seguinte, teria de usar calções de banho, e estava com vergonha de aparecer com o «rabo partido».

Sabia que sua tropa também ia tomar banho ao rio no dia seguinte, mas, por alguma razão, ao pensar no próprio rabo partido, não estava preocupado com os seus colegas, e sim com outra tropa, a cinco. Mais especificamente, com o monitor deles.



O ROMANCE LGBT+

proibido na Rússia

Iurka, de 16 anos, é enviado para mais uma temporada no acampamento de pioneiros.

É lá que conhece o sério e atencioso **Volódia** e descobre que aquele verão vai mudar a sua vida para sempre.

Os dois apercebem-se de que têm sentimentos muito mais profundos um pelo outro do que apenas amizade. **Sentimentos que são ilegais** na União Soviética. Apesar de temerem as consequências da sua **atração proibida**, é impossível manterem-se afastados. Até que o verão termina.

Vinte anos depois, Iurka regressa ao acampamento em ruínas para tentar reencontrar aquele que foi o seu primeiro e único amor...



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.instagram.com/seekthebutterfly.pt)
[secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-811-0



9 789895 838110